

# Interação ambiental na psicanálise de Winnicott: uma aproximação com a abordagem enativista

*Environmental interaction in Winnicott's  
psychoanalysis: an approach to enativism*

Eder Soares Santos

Universidade Estadual de Londrina

[edersan@uel.br](mailto:edersan@uel.br)

## Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar que o pouco investimento e avanços que a pesquisa enativista fez em relação ao estudo da psicanálise se devem ao fato de seus fundadores – Varela, Thompson e Rosch – terem se concentrado, em especial, em análises da psicanálise freudiana que, em função de suas críticas, foi posicionada muito à margem dessa abordagem. Na sequência, como alternativa, apresenta-se o exemplo da abordagem psicanalítica de Winnicott sobre o conceito de ambiente para mostrar que sua teoria se distancia de uma psicanálise que trabalha com pressupostos da filosofia representacional e que seu conceito de ambiente facilitador é relacional. Por fim, procura-se mostrar que o próprio enativismo tem buscado ir além de uma concepção simples de mente incorporada, procurando evidenciar que os fatores ambientais – num sentido que vai ao encontro da abordagem de Winnicott – têm grande peso na nossa constituição de como chegamos a ser o que somos.

**Palavras-chave:** Ambiente. Interação. Psicanálise. Winnicott. Enativismo

## Abstract

*The purpose of this article is to show that the little concern and advances that the enactivist approach has been done in relation to the study of psychoanalysis is due to the fact that its founders - Varela, Thompson and Rosch - have focused their attention on analyzes of Freudian psychoanalysis and that, in the light of its criticisms, psychoanalysis was placed very far from this approach. Then, as an alternative, we show that Winnicott's example of psychoanalysis on the concept of environment moves away from a psychoanalysis that works with assumptions of representational philosophy and that his concept of a facilitating environment is relational. Finally, we seek to show that the enativism itself has sought to go beyond of a mere conception of an embodied mind,*

*seeking to show that environmental factors - in a sense that meets Winnicott's psychoanalysis - have great weight in our constitution of how we arrived at be what we are.*

**Keywords:** *Environment. Interaction. Psychoanalysis. Winnicott. Enactivism.*

## A abordagem enativista e a psicanálise

A cunhagem do termo enativismo ou enação se deve a Varela et al. (1993)<sup>1</sup> e a ideia central é de que a cognição deve ser compreendida como ação incorporada (BAUM; KROEFF, 2018). A formulação preliminar de “enativismo” é a seguinte:

De forma resumida, a abordagem enativista consiste em dois pontos: 1) a percepção consiste em ação guiada perceptualmente e 2) estruturas cognitivas emergem de padrões sensório-motores recorrentes que tornam a ação possível de ser guiada perceptualmente. [...] o ponto de partida para a abordagem enativista é o estudo de como aquele que percebe pode guiar suas ações em uma situação local (VARELA et al., 1993, p. 173).

O enativismo apresenta-se claramente como uma reação às ciências cognitivas clássicas que pensam os processos cognitivos como algo representacional (Gallagher, 2018). Suas fontes filosóficas são bastante diversas, porém tem bases fortemente alicerçadas na fenomenologia, em especial em Merleau-Ponty. Sendo não raras as várias recorrências a Husserl e Heidegger. Outra de suas fontes relevantes é o budismo com ênfase nos escritos de Nagarjuna<sup>2</sup>, além ainda da psicologia ecológica de Gibson (WARD et al., 2017).

---

<sup>1</sup> Não é um ponto pacífico qual seria a origem do enativismo, alguns como Rolla (2018); Bruineberg, Chemero, & Rietveld, 2019; Carvalho & Rolla, 2020; Crippen, 2020; Kiverstein & Rietveld, 2018; Rolla & Novaes, 2020; van den Herik, 2020 remetem ao trabalho do psicólogo James J. Gibson (1979), cuja preocupação era pensar em como a percepção visual está relacionada às possibilidades de ação e interação com objetos e eventos do ambiente. Porém, há posições contrárias, como a de Heft (2020) que se questiona se a psicologia ecológica e a teoria da enação podem ser integradas em uma alternativa não representacional mais forte para a percepção do que qualquer uma pode oferecer por conta própria. Sua conclusão será negativa.

<sup>2</sup> Filósofo budista indiano que viveu por volta do século II de nossa era. Ver, Nagarjuna, 2016.

O livro que abriu as perspectivas para a pesquisa enativista foi *The embodied Mind* (TeM)<sup>3</sup> (1993) de Varela, Thompson e Rosch. A partir dessa publicação, outras linhas de investigação se desenvolveram, tais como: “O’Regan e Nöe (2001) que enfatizam as contingências sensório-motor; uma posterior concentração da teoria enativista associada aos trabalhos de Di Paolo e De Jaegher (2007) foca na produção de sentido; Hutto e Myin (2017) apresentam uma frente fortemente antirrepresentacionista” (Gallagher, 2018, p. 01).

Certamente, um dos grandes impactos do enativismo foi pensar a cognição de forma incorporada, isto é, em sua relação com um corpo vivo e vivido, passando a se preocupar não apenas com as contingências sensório-motores, mas também com os propiciamentos (*affordances*) físicos para a ação, bem como as ênfases nos fatores afetivos de incorporação e propiciamentos intersubjetivos para a interação social (Gallagher; Bower, 2014).

Como pressuposto geral, pode-se dizer que o enativismo não está preocupado com o funcionamento da mente – como entidade isolada – nem com a existência pura e simples do corpo. Importa pensar a interação entre mente e corpo ou, a depender da abordagem, entre corpo e corpo. Uma terceira via ainda é tentar pensar uma circularidade na relação entre mente e corpo, tal como faz Fuchs (2020). Não entraremos nos méritos destas abordagens, pois neste momento nossa intenção é destacar algumas considerações da leitura que o enativismo da TeM fez da psicanálise.

A aproximação que o enativismo tem com a psicanálise é bastante crítica, considerando-a no mesmo estágio de evolução do cognitivismo clássico, isto é, ela ainda não superou o estágio da ubiquidade representacional (VARELA et al., 1993, p. 21). Um dos problemas a ser destacado é que o “método psicanalítico trabalha com um sistema conceitual individual” (*ibidem*, p. 20), sendo difícil ao psicanalista ir além do que Freud apresenta para poder usar uma teoria substituta.

Em Santos (2010 e 2019), juntamo-nos à crítica de Varela et al. quando diz que “para Freud não se poderia afetar o comportamento a menos que fosse mediado pela representação” (*ibidem*, p. 47). Tal crítica de que a psicanálise se encontra ancorada em pressuposto da filosofia moderna da representação<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Utilizaremos a abreviação “TeM” para referências ao *The embodied Mind* de Varela et al., 1993.

<sup>4</sup> Deve-se observar que há ainda um debate aberto sobre se a psicanálise de Freud deve ser tomada como uma hermenêutica (Ricoeur, 1965; Andrade, 2013), uma teoria da representação

também encontra coro nos trabalhos de Loparic ao dizer que em Freud podemos observar que os “fundamentos da psicanálise tradicional pertencem, todos eles, à metafísica da modernidade”, ou seja, “metafísica pós-cartesiana em que o sentido da realidade do real é um só, o da presença constante representável” (Loparic, 1995, p. 51)<sup>5</sup>.

Embora os fundadores do enativismo vejam a psicanálise com muita suspeita, também percebem que novas abordagens podem levar a psicanálise a uma mudança de paradigma<sup>6</sup> nos termos de Kuhn (VARELA et al., 1993, p. 108). Para eles, faltaria à psicanálise lidar com temas que estão para além das relações objetais como pensar a não existência de um si-mesmo (*self*) unitário na experiência e, ao mesmo tempo, o contínuo sentido de autoapego ao eu (*ibidem*, p. 110).

Uma aparente saída para a psicanálise freudiana poderia ser encontrada numa “psicanálise heideggeriana” (Santos, 2019), sob esse selo – de uma psicanálise de fundo fenomenológico – Varela et al. inclui Jaspers (1913), Binswanger (1947), Merleau-Ponty (2018), além do próprio Heidegger (2001). Enquanto Freud proporciona um ponto de vista representacional, cognitivista e epistemológico, os psicanalistas fenomenológicos contrastariam a psicanálise tradicional com uma visão ontológica. Embora esta opção possa reapresentar as patologias a partir de uma leitura existencial, na prática, apontam os enativistas, o tratamento é “igualmente característico de terapias em que o distúrbio é concebido de uma maneira freudiana”<sup>7</sup> (*ibidem*, p. 179).

O que se nota é que os fundadores do enativismo referem-se em TeM sobretudo à psicanálise de Freud e algumas poucas vezes, em uma leitura genérica, a Lacan (como um autor que procuraria fugir das armadilhas da representação<sup>8</sup>). Eles parecem desconhecer o trabalho de Winnicott e, por isso

---

(HEIDEGGER, 1994, CAROPRESO, 2016) ou mesmo se ela oscila entre essas duas possibilidades (MONZANI, 1989). Assumimos aqui a posição de que a psicanálise freudiana está ligada a um quadro de resolução de problemas comprometido com a metafísica da representação conforme exploramos em Santos, 2010 e 2019.

<sup>5</sup> Winnicott também levanta esta crítica a Freud em Winnicott, 1971, pp. 01-25.

<sup>6</sup> Loparic tem acentuado esta mudança de paradigma na psicanálise em vários trabalhos. Ver, Loparic, 1995, 1996, 1997, 2006.

<sup>7</sup> Esta mesma crítica pode ser encontrada em Becker 1997 e Kouba 2012.

<sup>8</sup> A armadilha da qual Lacan escaparia, segundo Varela et al., seria a de não transformar a proposta freudiana em uma teoria de aprendizagem baseada em comportamento em que o conceito de repressão seria tomado em um nível cognitivista. Ver Varela et al., 1993, pp. 47-48.

mesmo, não conseguiram perceber que a psicanálise também passou por mudanças paradigmáticas significativas e não chegaram a perceber que a teoria do amadurecimento de Winnicott trata da necessidade de se pensar as relações entre o indivíduo e o outro, do indivíduo em relação a si-mesmo, e do indivíduo e a cultura a partir das relações de interação ambiental (DIAS, 2003), como veremos a seguir.

## Interação ambiental em Winnicott

A abordagem psicanalítica de Winnicott se desenvolve a partir de pressupostos da psicanálise tradicional freudiana e kleiniana. Porém, desde o começo de seus estudos em psicanálise, na década de 1920, Winnicott já desconfiava que a teoria freudiana/kleiniana não era capaz de solucionar todos os problemas da clínica psíquica. Ele mesmo relata que

Ao mesmo tempo, nos anos 20, tudo tinha o complexo de Édipo em seu âmago. A análise das neuroses conduzia o analista repetidamente às angústias pertencentes à vida pulsional do período dos 4 a 5 anos do relacionamento da criança com seus pais. Dificuldades anteriores que vinham à tona eram tratadas em análise como regressão a pontos de fixação pré-genitais, mas a dinâmica vinha do conflito do complexo de Édipo marcadamente genital da meninice ou meninice posterior que é imediatamente anterior à passagem do complexo de Édipo e início do período de latência. Então, inúmeras histórias clínicas mostravam-me que crianças que se tornaram doentes – sejam neuróticas, psicóticas, psicossomáticas ou anti-sociais [sic] –, revelavam dificuldades no seu desenvolvimento emocional na infância, mesmo como bebês. Crianças hipersensíveis paranóides [sic] podiam até ter começado a ficar assim nas primeiras semanas ou mesmo dias de vida. Algo estava errado em algum lugar. Quando vim a tratar crianças pela psicanálise pude confirmar a origem das neuroses no complexo de Édipo, mas mesmo assim sabia que as dificuldades começavam antes (WINNICOTT, [1962] 1996, p. 172).

A psicanálise tradicional<sup>9</sup> tem como seu ponto de referência o complexo de Édipo e os conflitos pulsionais. (LOPARIC, 1996; Santos, 2010) Porém, Winnicott percebia que em relação aos bebês e aos psicóticos esse guia geral para a resolução dos problemas clínicos não era suficiente. Percebeu, então, que os psiconeuróticos enfrentam problemas que envolvem uma estrutura triangular de conflitos, na qual se encontram três pessoas inteiras<sup>10</sup>. Quando se trata dos estágios mais iniciais – ou para os casos de distúrbios emocionais graves como psicoses e esquizofrenias – o modelo para pensar a natureza humana envolve duas pessoas, trata-se de um relacionamento a dois, em que uma já é, supostamente, uma pessoa inteira e a outra está num estado de dependência. Levar em conta a dependência para a constituição de uma pessoa abre uma oportunidade de discussão instigadora com o enativismo. Isso porque o ser humano enquanto um sistema vivo é, paradoxalmente, autopoietico e alopoietico. Por autopoietico queremos dizer que, ao menos biologicamente, somos “organizados de tal forma que processos produzem os próprios componentes necessários para a construção desses processos” (MINGERS, 2005, p. 11) Pense-se, por exemplo, no trabalho das células que constituem nosso corpo cuja organização produz seus componentes e processos de forma autoprodutora por meio de trocas contínuas com o ambiente. Por outro lado, considerando a afirmação de Winnicott (1988, p. 155) de que apenas os genes não bastam, para o caso dos seres humanos, uma explicação do organismo humano vivo pela autopoieses – por mais complexo e organizado que seja esse organismo – não é suficiente. Não conseguimos nos tornar o que somos – pessoas no mundo com todas as precariedades que isso implica – sem interação com um ambiente vivo (outra pessoa) e sem estarmos na dependência de um outro para poder criar significações por meio da relação com esse ambiente. Ainda que sejamos

---

<sup>9</sup> Considera-se psicanálise tradicional aquela que se sustenta sobre o paradigma do complexo de Édipo. Sobre a questão dos paradigmas na psicanálise, ver alguns trabalhos de Loparic como: Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas. In: Catafesta, I.F.M. 1997: A Clínica e a Pesquisa no final de século: Winnicott e a Universidade. São Paulo: Lemos Editorial; e Winnicott e o pensamento pós-metafísico. In: *Revista de Psicologia USP*, vol. 6, nº 2, São Paulo, 1995.

<sup>10</sup> Sobre “pessoas inteiras”, Santos esclarece que “a teoria do amadurecimento, com relação à inteireza, procura mostrar que a tendência do bebê é constituir-se, gradativamente, em uma unidade, desde que certas condições ambientais estejam asseguradas. O bebê tende a se tornar uma pessoa inteira (*whole person*) e isso é o que se denomina tendência à integração. Todavia essa integração unitária só vai chegar à sua completude no momento da morte” (SANTOS, 2010, pp. 179-180).

totalmente saudáveis e fisicamente capazes não seríamos capazes de alcançar a compreensão de uma existência psicossomática sem estar aos cuidados de um outro. Por isso também somos um organismo vivo alopoiético; dependemos das ações de um ambiente facilitador (outra pessoa) para chegar-a-ser. Não nos será possível desenvolver todas as consequências dessa nossa posição aqui. Porém, vemos como promissor pensar que, pelo menos do caso dos seres humanos, há uma dimensão psicológica<sup>11</sup> de interação entre organismos humanos vivos com o ambiente que é preciso ser levada em conta para uma abordagem enativista das pessoas vivas, sendo que as trocas iniciais entre indivíduo e ambiente implicam na dependência de um outro e que a qualidade neste tipo de troca pode promover ou prejudicar o equilíbrio nos modos de uma pessoa se comportar em relação ao ambiente. Em termos das psicopatologias, as consequências seriam, no caso dos psiconeuróticos, problemas que envolvem a dinâmica dos conflitos e interesses sexuais e, no dos distúrbios emocionais graves – psicoses, por exemplo – a palavra-chave seria falhas ambientais na provisão de necessidades dos indivíduos para se chegar a existir.

Como se pode notar na citação supra, desde o início de sua carreira como pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista, Winnicott preocupou-se em construir, até o final de sua vida (WINNICOTT, 1999), uma teoria que pudesse resolver problemas que a psicanálise de Freud e Klein não daria conta de solucionar. Do conjunto de sua produção surge sua teoria do amadurecimento (DIAS, 2003).

Entre os muitos temas e conceitos desta teoria do amadurecimento, vamos focar nossa atenção no conceito de ambiente. A questão guia que se pode colocar aqui é a seguinte: como chegamos a ser quem somos? E o início para uma resposta é: pelo estado de dependência ambiental, pelo cuidado provido pelo ambiente e por meio de ambiente facilitador confiável. O ambiente desempenha um papel fundamental para nossa existência enquanto seres humanos.

Ao nascer trazemos à luz como nossa herança nossa tendência a amadurecer e a nos integrarmos. Carregamos isso conosco desde o primeiro momento da fecundação<sup>12</sup>. Porém, não chegamos a ser a pessoa que somos.

---

<sup>11</sup> Há de se pensar aqui também em uma dimensão linguística, como aponta Di Paolo et al. (2018).

<sup>12</sup> Por uma perspectiva enativista, poder-se-ia reconhecer aí nosso processo autopoiético de nos tornarmos um organismo vivo humano que se desenvolve até chegar a uma clausura operacional. Requisito básico, mas ainda não suficiente para chegarmos a ser quem somos.

simplesmente porque temos uma estrutura corpórea biológica em bom estado de funcionamento. Winnicott vai dizer que apenas os genes não são suficientes: “(...) nós sabemos que o infante não terá sucesso sem o cuidado contínuo de uma pessoa” (WINNICOTT, 1988, p. 155). Segundo ele, é preciso que a psique – e também a mente – e o corpo tornem-se uma unidade, que gradualmente possamos ir integrando nossas experiências vividas a fim de nos reunirmos como um todo integral – uma pessoa capaz de perceber que tem seu corpo, sua mente e sua psique.

O novo bebê humano herda tendências em direção ao crescimento e ao desenvolvimento, incluindo os aspectos qualitativos do desenvolvimento. [...] Isto é fácil de argumentar, mas isso conduz ao importante fato da dependência. Dependência da provisão ambiental é, no início, quase absoluta, e rapidamente torna-se relativa e a tendência geral é em direção à independência. A palavra-chave no lado ambiental (correspondente à palavra “Independência”) é “confiabilidade”, isto é, confiabilidade humana e não do tipo mecânica (WINNICOTT, [1968] 1986, p. 62).

O cuidado é a ponte de ligação entre o infante e o mundo. Mundo que já existe para nós enquanto pessoas maduras e que já se encontra sempre dado, mas que, dada a incipiência inicial do existir, o bebê ainda não consegue abarcar e nem tem como por si mesmo alcançá-lo num ato de intuição da consciência. Na leitura de Santos (2010), ser-no-mundo aqui, diferentemente de Heidegger (2001), diz respeito a um processo gradual de tornar-se aos poucos menos dependente da provisão dos cuidados iniciais: “Para o bebê vem primeiro uma unidade que inclui a mãe. Se tudo vai bem bebê, o bebê vem a perceber a mãe e todos os outros objetos e a ver estes como um não-eu [*not-me*], dessa forma há agora um eu [*me*] e um não-eu” (*ibidem*, p. 62-63).

É necessário para que o infante possa chegar a constituir-se como unidade pessoal capaz de alcançar o mundo que esse processo seja facilitado. Àquele que tem a tarefa de fazer com que o infante realize essas conquistas – a saber, chegar a ser si-mesmo no mundo – é denominado por Winnicott como ambiente facilitador.

Deixe-me referir agora à provisão maternal. Nós já sabemos o quão é importante como o bebê é sustentado e manejado, e quão é importante quem está cuidando do bebê, e se isso é feito pela mãe ou outra pessoa. Na nossa teoria do cuidado infantil, a continuidade do cuidado tem se tornado um aspecto central do conceito de ambiente facilitador, e nós vemos por meio da continuidade da provisão ambiental, e somente por meio desta, o novo bebê em dependência pode ter uma continuidade na linha de sua vida, e não um padrão de reações ao imprevisto e para sempre tendo de começar novamente (WINNICOTT, [1968], 1986, p. 154).

No seu mais tenro início, para além de herdar um processo de amadurecimento, tudo com o que o bebê pode contar é que suas necessidades físicas sejam providas por alguém que se dedica de forma devotada a cuidar.

O ambiente não faz o infante crescer, nem determina a direção do crescimento. O ambiente, quando bom o suficiente, facilita o processo de amadurecimento. Para que isso aconteça, a provisão ambiental, de uma maneira extremamente sutil, adapta-se ela mesma às necessidades de mudança que emergem do fato do amadurecimento. Tal adaptação sutil à necessidade de mudança só pode ser realizada por uma pessoa, e por aquela que naquele momento não tem outra preocupação, e que está “identificada com o infante” de uma tal maneira que as necessidades do infante são sentidas e encontradas, como um processo natural (WINNICOTT [1963] 1996, p. 223).

O que está em questão aqui é que para se poder interagir e perceber o mundo eu preciso de um outro que facilite este meu acesso. Nossa relação com o mundo, de início, é de dependência absoluta e, em seguida, torna-se relativa e, por fim, encaminha-se para a independência.

(...) Neste tempo mais inicial, quando muito desenvolvimento está se iniciando e nada está sendo completado, duas tendências são descritas pelas palavras *maturação* e *dependência*. O ambiente é essencial e gradualmente torna-se menos essencial, tanto que poder-se-ia falar de dupla dependência, mudando para uma dependência simples (WINNICOTT [1963] 1996, p. 223).

Ao final da vida, em muitos casos, em função da própria senilidade e de diversos tipos de doenças, esse processo pode se reverter. No estado de dependência absoluta, o infante necessita que lhe seja provido sustentação física (*holding*), manejo (*handling*) e que os objetos lhe sejam apresentados (*object-presenting*): “O ambiente facilitador pode ser descrito como *holding*, desenvolvimento em *handling*, ao qual se acrescenta *object-presenting*” (WINNICOTT, [1963] 1989, p. 89).

A dependência impõe a necessidade de se pensar em confiabilidade (*reliability*) ambiental. Confiabilidade que só pode ser humana. Retomando Santos (2010, pp. 200-201), trata-se de confiabilidade humana que protege as pessoas que estão em relação conosco do imprevisível, pois “por detrás da imprevisibilidade encontra-se confusão psíquica, e por traz disso pode ser encontrado caos em termos de funcionamento somático, isto é, uma angústia impensável que é física” (WINNICOTT, [1970] 1986, p. 116) Este “crer em” torna-se possível por meio das tarefas de sustentação (*holding*) e manejo (*handling*) realizadas pela mãe ou por aquele que cuida do bebê: “esta questão da sustentação e manejo introduz o tema todo da confiabilidade humana” (WINNICOTT, [1968a] 1986, p. 146). Assim, poder-ser aquilo que se é estando um com o outro depende de uma sustentação física e pré-verbal. Poder-ser no início, na fase de dependência absoluta, só pode se dar por meio da presença de um outro em sua comunicação silenciosa.

Atos de confiabilidade humana produzem uma longa comunicação antes que fala [*speech*] possa significar alguma coisa – o modo como a mãe alimenta e quando balança seu filho, o som e o tom de sua voz, [constituem] toda longa comunicação antes da fala ser compreendida (WINNICOTT, [1968a], 1986, p. 147).

Dito isto, o que se percebe pela teoria do amadurecimento de Winnicott é que o bebê ao nascer, enquanto organismo vivo, não está ainda capaz de por si só de intencionar o mundo. Para perceber e dar sentido ao percebido no mais tenro início é necessária provisão de cuidados ambientais. Para poder interagir com o mundo e as coisas do mundo é preciso que seu processo de amadurecer esteja em marcha de forma ininterrupta e que esse processo seja facilitado pelo

ambiente. Sendo o ambiente de início a pessoa que está dedicada a prover cuidados necessários para que o infante possa chegar a se integrar enquanto uma unidade capaz de se perceber como uma pessoa inteira. Winnicott nos diz que:

Indo ainda mais para trás, [o infante] encontra-se envolvido num estado de coisas em que o indivíduo não tem sentido de tempo, nem continuidade da integração, mesmo quando a integração ocorre em certos momentos, nem mesmo capacidade para sentir-se dependente (WINNICOTT, 1988, p. 156).

Por isso, ele continua:

O indivíduo herda um processo de amadurecimento. Isto conduz o indivíduo na medida em que existe um ambiente facilitador e, somente nesta medida, ele existe. O ambiente facilitador é ele mesmo um fenômeno complexo e necessita um estudo especial em seu direito próprio; o aspecto essencial é que isso é um tipo de crescimento por si mesmo, que se adapta às necessidades de mudança do crescimento individual (WINNICOTT, [1963] 1989, p. 89).

Este tipo de relação de dependência e os cuidados ambientais apontam para a necessidade de se discorrer sobre a intersubjetividade e a afetividade. A seguir, exploraremos um pouco mais este assunto.

## **Interação ambiental – confluências entre enativismo e psicanálise**

A abordagem enativista colocou em relevo a interação entre corpo e mente ao trabalhar com a hipótese de uma cognição incorporada (GALLAGHER; BOWER, 2014, p. 232). Todavia, essa posição vai ser alvo de críticas na medida em que foi enfatizado muito mais o papel desempenhado pelas contingências sensorio-motores na percepção focando apenas numa abordagem incorporada da cognição. Gallagher e Bower se questionam mesmo sobre “o quão incorporado é o enativismo” (*ibidem*, p. 233).

Isso quer dizer, para os autores aqui mencionados, que para se ter uma concepção mais completa da incorporação seria necessário considerar outras questões como a afetividade, a intersubjetividade e uma teoria da afinação dinâmica da função do cérebro. Retomaremos, rapidamente, o que eles estabelecem sobre esses três tópicos que, acredito, facilitam a compreensão da necessidade de interação ambiental em Winnicott.

Os afetos devem ser pensados, segundo Gallagher e Bower (2014), a partir da ideia de que um corpo vivo envolve mais do que apenas um esquema corporal sensório-motor, pois os afetos dizem respeito a um conjunto de fatores corporais que governam nossa vida, podendo esses fatores estarem ou não acessíveis a nossa percepção consciente.

Afetos não estão restritos ao domínio fenomenal da consciência, embora eles possam, certamente, ter um efeito em como se sente uma experiência. Eu posso experimentar conscientemente a tristeza, ou eu posso me dar conta que todo meu comportamento reflete a tristeza (GALLAGHER; BOWER, 2014, p. 235).

Isso significa dizer, continuam eles, que os fenômenos afetivos estão pervasivamente integrados na nossa percepção e experiências cognitivas.

Quanto à intersubjetividade, não se trata de interação enquanto interpretação mental dos estados mentais dos outros e sim de perceber, diretamente, nas intenções e emoções, nas suas posturas, movimentos, gestos, expressões faciais, entonação vocal, bem como nas ações contextualizadas pelo ambiente físico, social e cultural (*ibidem*, p. 238). Isso mostra que o modo como interagimos com os outros possibilita e influencia o modo como aprendemos a lidar com as coisas do mundo: “isso envolve processos antecipatórios que estão ligados com propiciamentos [*affordances*] para interações posteriores ou uma preparação para uma ação complementar em resposta a uma ação observada” (*ibidem*, p. 238). Dito de outro modo, a interação social influencia o modo como percebemos o mundo.

Outro ponto a se considerar, na perspectiva de Di Paolo (2005, pp. 10-11), é o de procurar compreender os afetos como respostas adaptativas básicas a eventos ou situações que nos colocam frente a um perigo eminente, podendo se

falar em disfunção orgânica, má adaptação e patologias. Essa análise é interessante também quando pensada do ponto de vista de Winnicott (1988, p. 128), pois ele também trata das intrusões do ambiente que, como consequência, forçam o bebê a ter que reagir aos imprevisíveis, gerando um perigo eminente e desconhecido, afetando o sentido real do viver, tendo de se adaptar às necessidades que são externas e não as suas próprias<sup>13</sup>.

Afetividade e intersubjetividade não se reduzem, ao final, a um processamento do cérebro? Para a abordagem enativista o cérebro não é o “computador central” que produz representações e computa dados de informação. O cérebro é parte de um corpo vivo que está alojado num corpo que possui outros órgãos estruturados e organizados também por sistemas nervosos periféricos e não apenas num sistema central. Isso explica que mudanças – sejam elas corporais, ambientais ou de condições intersubjetivas – suscitam respostas do organismo como um todo (GALLAGHER; BOWER, 2014, p. 240). O cérebro é, segundo Fuchs, antes de tudo um órgão intermediário para as relações do organismo com o ambiente e para nossas relações com os outros (Fuchs, 2017). Isto é, o cérebro é um órgão relacional “porque é parte de um sistema incorporado maior que lida com mudanças ambientais” (GALLAGHER; BOWER, 2014, p. 243).

Dessa forma, o modo como alguém responde às demandas do ambiente tem a ver com a dinâmica do cérebro, com fatores ambientais, com a afetividade incorporada e com fatores subjetivos.

Esses rápidos apontamentos que fizemos acima subsidiam a hipótese de que a abordagem winnicottiana e o enativismo podem manter um bom diálogo, podendo ambas se beneficiar desta relação.

Ao colocarmos em relevo a compreensão que Winnicott tem da interação ambiental, destacamos que para se chegar a ser o que somos – pessoas humanas inteiras – não basta a fecundação e o nascimento deste organismo vivo. Embora herdemos nossa tendência a amadurecer enquanto organismo vivo, isso não basta para podermos existir como uma pessoa no mundo. É preciso que haja uma interação ambiental de tipo bastante específico, sendo necessário prover cuidado

---

<sup>13</sup> A discussão sobre adaptação, viabilidade sistêmica e dependência em Winnicott ainda precisam ser mais bem aprofundadas. Pretendemos fazer análises mais aprofundadas e críticas em outro escrito dedicado ao tema.

para que as necessidades sejam atendidas para se chegar a ser. Desta forma, no mais tenro início da existência de uma pessoa – enquanto infante – é preciso pensar em alguém que provê os cuidados para que haja o atendimento das necessidades físicas para que o outro exista. Este alguém é chamado de ambiente facilitador e tem como tarefa ajudar o infante a, gradualmente, integrar um sentido de corporeidade, de temporalidade e de relação com a realidade. Tarefas integrativas que serão realizadas por meio de ações e cuidados físicos que têm a ver com a sustentação (*holding*), o manuseio (*handling*) e a apresentação de objetos (*object-presenting*) ao infante. À medida que o bebê passa a dar sentido a um corpo seu, isto é, passa a perceber a si-mesmo e sua relação com as coisas do mundo, esse ambiente facilitador torna-se cada vez menos necessário.

No debate sobre a questão do si-mesmo – que dada sua extensão não será possível desenvolver aqui – posições críticas como as de Reis (2020) e Rochat (2018; 2004) parecem contradizer essa posição de Winnicott de que um si-mesmo tende a se desenvolver a partir de sua relação com o ambiente facilitador (a pessoa que está a cuidar do bebê), pois para esses autores a “autoconsciência é um mecanismo que pode ser relativamente primário” (ROCHAT, 2018, p. 01) Todavia, Winnicott não parece discordar do que esses pesquisadores mais contemporâneos têm chamado de “rudimentos implícitos de autoconsciência [self-awareness]” (*ibidem*, p. 02). Ao escrever sobre a experiência do nascimento, Winnicott diz: “o ponto de vista que estou adiantando aqui é que já há uma ser humano no útero, alguém que é capaz de ter experiências, de acumular memórias corporais e até mesmo de organizar medidas defensivas para lidar com o trauma (como o da interrupção da continuidade de ser por reações a intrusões do ambiente na medida em que este falha em se adaptar)” (WINNICOTT, 1988, p. 145). Com Winnicott, o que se percebe é que, se por um lado, o bebê já é autoconsciente (self-awareness) do que ocorre desde o início, isso não significa, por outro lado, que ele já esteja constituído como uma unidade integrada capaz de dar sentido a si-mesmo como um ser no mundo. Esta é uma conquista que está ligada à relação de dependência dos cuidados de um ambiente facilitador.

Está em jogo nesta constituição de si como pessoa o estabelecimento da afetividade, da intersubjetividade inicial e o desenvolvimento das capacidades cerebrais de relação com o mundo.

Assim, por um lado, diríamos que desde a década de 1940<sup>14</sup> Winnicott já vinha chamando a atenção para fatores que hoje estão muito presentes na abordagem enativista tais como a necessidade de se pensar a pessoa de um ponto de vista total e não como uma divisão corpo-mente, de pensar a cognição como incorporada, de compreender a intersubjetividade como constituída pelas relações ambientais. Por outro lado, a abordagem winnicottiana não deu conta de ir mais fundo em suas proposições filosóficas e epistemológicas seja porque Winnicott estava naquele momento preocupado em solucionar problemas práticos de sua clínica seja porque ele não parecia estar totalmente ciente das mudanças nos pressupostos conceituais filosóficos que sua teoria do amadurecimento trazia para o cenário da psicanálise.

Como já indicamos, o enativismo é uma abordagem que se utiliza de pressupostos da fenomenologia (Gomes, 2018), do pragmatismo (FANAYA, 2015) e, até mesmo, do budismo (ALMADA, 2018) para esclarecer suas posições. Bases que não estão alheias à psicanálise de Winnicott<sup>15</sup> (Santos, 2019). Neste sentido, o enativismo poderia ajudar a esclarecer algumas noções avançadas pela psicanálise winnicottiana como, por exemplo, o papel do ambiente na vida humana a partir dos modos de se perceber o mundo. Ao mesmo tempo, parece-nos, a abordagem psicanalítica de Winnicott poderia ajudar a ampliar o debate enativista quando, por exemplo, nos diz que para se chegar a ser uma pessoa capaz de compartilhar a realidade objetiva com todos, ou seja, para se ser um ser-no-mundo, no sentido de Heidegger (2001), é necessário e indispensável considerar a dependência, o cuidado e a confiabilidade ambiental. Não basta pensar numa mente incorporada em interação com o meio ambiente.

Quando Winnicott nos aponta a necessidade de se considerar esses conceitos – dependência, cuidado, confiabilidade – não estamos dizendo que precisamos ir além de nós mesmo para compreendê-los, não é necessário um salto transcendental; nem estamos implicando que os possuímos em nós, algo como sentimentos de existência interna como uma imanência. Nem se pressupõe, conseqüentemente, que se trata de representações de um aparelho psíquico. Esses conceitos são relacionais e surgem por uma necessidade do modo de ser

---

<sup>14</sup> Ver, em especial, deste período de produção de Winnicott seu livro *Natureza Humana* (1988).

<sup>15</sup> As possíveis relações entre fenomenologia, pragmatismo e budismo em Winnicott podem ser observadas no artigo de Loparic, 2005.

incipiente e o modo de ser daquele que desempenha o papel do ambiente facilitador. Não está nem dentro nem fora, trata-se de um acontecimento da relação entre dois existentes.

Em resumo, nossa intenção neste trabalho foi mostrar que o pouco investimento e avanços que a pesquisa enativista fez em relação ao estudo da psicanálise devem-se ao fato de seus fundadores – Varela, Thompson e Rosch – terem se concentrado na análise da psicanálise freudiana enquanto fundada numa filosofia da representação. Análise que nos parece consequente, porém a psicanálise não se restringe a Freud. Por isso, em seguida, trouxemos o exemplo da teoria do amadurecimento de Winnicott sobre o conceito de ambiente para mostrar que sua abordagem se distancia de uma psicanálise tradicional representacionalista e que seu conceito de ambiente facilitador é relacional. Finalmente, procuramos mostrar que o próprio enativismo tem buscado ir além de uma simples concepção de mente incorporada, procurando evidenciar que os fatores ambientais têm grande peso na nossa constituição de como chegamos a ser o que somos.

## Referências

ALMADA, L. F. Neurofenomenologia e meditação: breves apontamentos para o diálogo entre práticas contemplativas e as ciências cognitivas enativistas no século XXI a partir da noção emergentista de determinação descendente. *Rev. Simbio-Logias*, v. 10, n. 13, 2018.

ANDRADE, R. J. Energética e hermenêutica: “o problema epistemológico do freudismo” discutido por Paul Ricoeur. *Prometeus*, Ano 6, número 12, Julho-Dezembro/2013.

BAUM, C.; KROEFF, R. S. F. Enação: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas. *Rev. Polis e Psique*, vol. 8, n. 2018.

BECKER, G. *Philosophische Probleme der Daseinsanalyse Von Medard Boss und ihre praktische Anwendung*. Marburg: Tectum Verlag, 1997.

BINSWANGER, L. *Ausgewählte Vorträge und Aufsätze I*. Zur phänomenologischen Anthropologie. Bern: Francke, 1947.

BRUINEBERG, J., CHEMERO, A.; RIETVELD, E. General ecological information supports engagement with affordances for ‘higher’ cognition. *Synthese*, v. 196, n.12, 2019.

CARVALHO, E. M. de, & ROLLA, G. An Enactive-Ecological Approach to Information and Uncertainty. *Frontiers in Psychology*, v. 21, n. 11, 2020.

CAROPRESO, F. Representação e consciência na metapsicologia freudiana. *Doispontos*, v. 13, n. 3, dezembro de 2016.

CRIPPEN, M. Enactive Pragmatism and Ecological Psychology. *Frontiers in Psychology*, v. 20, October, 2020.

DI PAOLO, E. A.; CUFARI, E. C.; DE JAEGHER, H. *Linguistic Bodies: The Continuity between Life and Language*. Cambridge: MIT Press, 2018.

DI PAOLO, E. A. Autopoiesis, adaptivity, teleology, agency. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, December, 2005.

DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FANAYA, P. F. A virada pragmática nas ciências cognitivas: mente em Peirce e afinidades com o enativismo. *Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 12, p. 138-153, jul-dez. 2015.

FUCHS, T. *Das Gehirn - ein Beziehungsorgan: eine phänomenologisch-ökologische Konzeption*. Stuttgart: Kohlhammer, 2017.

\_\_\_\_\_. The Circularity of the Embodied Mind. *Hypotesis and Theory*, August, 2020.

GALLAGHER, S. A well-trodden path: From phenomenology to enactivism. *Filosofisk Supplement*, vol. 3, 2018.

GALLAGHER, S.; BOWER, M. Making enactivism even more embodied. *Avant*, vol. V, n. 2, 2014.

GIBSON, J. J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin, 1979.

GOMES, R. B. B. Percepção e enativismo em Merleau-Ponty e Francisco Varela. *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*, v. 07, n1, 2018.

HEFT, H. Ecological Psychology and Enaction Theory: Divergent Groundings. *Frontiers in Psychology*, 26 May, 2020.

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer, 2001.

\_\_\_\_\_. *Zollikoner Seminare*. Hrsg. Von Medard Boss, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1994.

JASPER, K. *Allgemeine psychopathologie*. Frankfurt: R. Mein, 1913.

KIVERSTEIN, J. D.; RIETVELD, E. Reconceiving representation-hungry cognition: an ecological-enactive proposal. *Adaptive Behavior*, v. 26, n. 4, 2018.

KOUBA, P. *Gestige Störung als Phänomen: Perspektiven des heideggerschen Denkens auf dem Gebiet der Psychopathologie*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2012.

KUHN, Th. *The Structure of Scientific Revolutions*, 2<sup>a</sup> ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

LOPARIC, Z. Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza humana*, São Paulo, v. 7, n. 2, dez. 2005, p. 311-358.

\_\_\_\_\_. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática, *Winnicott e-prints*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2006.

\_\_\_\_\_. Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas. In: Catafesta, I. F. M. *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a Universidade*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

\_\_\_\_\_. Winnicott e o pensamento pós-metafísico. *Revista Psicologia USP*, v. 6, n. 2, São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Revista Percurso*, n. 17, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MONZANI, L. R. *Freud: O movimento de um pensamento*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

NAGARJUNA. *Versos fundamentais do Caminho do meio*. Tradução, comentários e notas de Giuseppe Ferraro, Campinas, SP: Editora PHI, 2016.

RICOEUR, P. *De l'interprétation, essai sur Freud*. Paris: Seuil, 1965.

REIS, R. R. Fenomenologia hermenêutica e psicologia experimental do desenvolvimento. *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*, v. 9, n. 2, 2020.

ROCHAT, P. The Ontogeny of Human Self-Consciousness. *Psychological Science*, September 2018.

ROCHAT, P. *The Infant's World*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004.

ROLLA, G. Enativismo radical: exposição, desafios e perspectivas. *Revista de Filosofia Principios*, vol. 25, n. 46, 2018.

ROLLA, G.; NOVAES, F. Ecological-enactive scientific cognition: modeling and material engagement. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 1, 2020.

SANTOS, E. S. *Winnicott e Heidegger: Aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWW Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Paths of Science of Man in Heidegger*. Nordhausen: Traugott Bautz Verlag, 2019.

VAN DEN HERIK, J. C. Rules as Resources: An Ecological-Enactive Perspective on Linguistic Normativity. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, v. 10 July, 2020.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The Embodied Mind*. Massachusetts: MIT Press, 1993.

WARD, D.; SILVERMAN, D.; VILLALOBOS, M. Introduction: The Varieties of Enactivism, *Topoi*, Springer Science and Business Media Dordrecht, April 2017.

WINNICOTT, D. W. (1968a). Children Learning. In: WINNICOTT, Donald W. *Home is where we start from*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1986.

\_\_\_\_\_. (1970). Cure. In: WINNICOTT, Donald W. *Home is where we start from*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1986.

\_\_\_\_\_. (1962). A personal view of the kleinian contribution. In: WINNICOTT, Donald W. *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press. 1996.

\_\_\_\_\_. (1963). Fear of Breakdown. In: WINNICOTT, Donald W. *Psycho-analytic Exploration*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *Home is Where We Start From*. New York/London: W. W. Norton & Company, 1986.

\_\_\_\_\_. *Human Nature*. New York: Brunner/Mazel, 1988.

\_\_\_\_\_. (1968). Sum, I am. In WINNICOTT, Donald W. *Home is where we start from*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1986.

\_\_\_\_\_. (1963). The mentally ill in your caseload. In WINNICOTT, Donald W. *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*. Madison Connecticut: International Universities Press. 1996.

\_\_\_\_\_. *Playing and Reality*. London/New York: Routledge, 1999.

RECEBIDO: 25/08/2020  
Aprovado: 22/03/2021

RECEIVED: 25/08/2020  
Approved: 22/03/2021